

RINDO DA EFEMINAÇÃO MASCULINA COM OS POEMAS DE MARCOS VALÉRIO MARCIAL (SÉCULO I d.c.)

Autor: Henrique Hamester Pause*
Orientadora: Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva**

PALAVRAS-CHAVE: Marcial; Gênero; Humor.

Marcos Valério Marcial foi um poeta que nasceu na cidade Bilbilis, na Província romana da Hispânia (atual Espanha), por volta de 39-43 d.C. Marcial mudou-se para Roma em torno de 64 d.C., provavelmente buscando gozar da mesma sorte que seus compatriotas Sêneca¹ e Lucano² possuíam junto às cortes imperiais da época (RIBEIRO JR., 2016, p. 88). Marcial passará o resto de sua vida produzindo epigramas, único gênero de poesia que nosso autor irá se debruçar por toda sua vida, valendo a ele a relação social de cliente (*cliens*) de importantes aristocratas da cidade de Roma.

* Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da UFSM - GEMAM/UFSM. E-mail: henriquepause@hotmail.com.

** Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pesquisadora do G.LEIR/UNESP-Franca, do NEAM/UNESP-Assis, do ATRIVM/UFRJ, do NECH/PUC-GO e do LEIR/USP. Pesquisadora e Coordenadora do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da UFSM - GEMAM/UFSM. E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br.

- 1 Sêneca (?-65 d.C.) foi um filósofo nascido em Córdoba, na atual Espanha, tendo estudado em Roma retórica e filosofia. Adquiriu importância ainda na época do imperador Cláudio. Foi tutor de Nero e manteve o reinado do jovem imperador dentro de certos limites que satisfaziam a moral e a ordem da elite senatorial. Em 65 foi acusado de participar da Conjuração de Pisão, uma tentativa de assassinato de Nero, e recebeu ordens de se matar. Sêneca é escritor de inúmeras obras, sendo a mais famosa a obra *As vidas dos doze Césares* (HARVEY, 1998, p. 458).
- 2 Lucano (39-65) foi um poeta épico que nasceu em Córdoba, atual Espanha e era sobrinho do jovem Sêneca. Também estudou retórica em Roma e muito jovem conseguiu os favores de Nero, sendo nomeado questor. Porém, com a publicação de seus três primeiros livros chamados *Guerra Civil*, a sua situação com Nero começou a se deteriorar. Lucano participou da Conjuração de Pisão e também recebeu ordens para se matar. Da sua enorme produção escrita restaram apenas fragmentos e dez livros da *Guerra Civil* (BOWDER, 1980, p.160-161).

A condição de cliente (*cliens*), ocupada por Marcial em Roma, pode ser vista como uma forma de nosso autor sobreviver na cidade. Renata Lopes Venturini (2011, p. 2589) explica que o cliente, fosse rico ou pobre, poderoso ou não, era um homem livre que vinha cortejar o patrono em busca de proteção. Sabemos, pela análise dos poemas, que Marcial era possuidor de pequenas propriedades rurais (MARCIAL, *Epigramas*, IV, 79) e que possuía até mesmo um escravo (MARCIAL, *Epigramas*, IV, 42), o que demonstra que o autor parece ter feito parte de uma espécie de grupo rural provincial de sua região com algum tipo de posse, embora não pareça que as mesmas eram elevadas. Ele era, desta forma, de uma pequena elite provincial romana.

Segundo Benedito Ribeiro Junior (2016, p. 89), pela necessidade de boas relações e também de rendimentos, Marcial buscou por um patrono, mantendo a relação de clientela com sua submissão à vida de cliente. Nos primeiros anos em Roma, graças aos seus contatos, parece que Marcial teve uma vida economicamente estável. Em especial seu amigo Sêneca, muito próximo ao imperador Nero, permitirá a Marcial contato quase que direto com a casa imperial na época de Nero (54-68). Assim, Marcial se vê, aliado e apadrinhado por um dos principais conselheiros do imperador, o que acreditamos ter sido para ele um bom início de carreira. Para sobreviver em Roma, Marcial dependia de seus patronos e da venda de seus livros. No período de silêncio³, teve o apoio de vários poderosos da sociedade de Roma e amigos de poesia, em especial Quintiliano⁴. Marcial voltará aos seus escritos no ano 80, quando escreve o *Livro dos Espetáculos (Liber de Spetaculis)*, uma coleção de 33 epigramas publicados em homenagem a construção do Coliseu. A partir daí, o epigramista vai conhecer o auge de sua carreira.

O poeta Marcial escreveu na forma de epigrama, gênero da poesia que tem origem com os gregos, em inscrições funerárias e pequenos escritos em estátuas e objetos ligados a guardar a memória de algo ou alguém no antigo mundo da Hélade. Marcial acaba virando sinônimo da palavra epigrama, visto que será esse autor o primeiro a colocar o nome de epigrama em sua poesia e dele temos uma vasta produção que chegou até nossos dias neste gênero. Seus epigramas apresentam os espaços da cidade de Roma e as

3 Nosso poeta permaneceu em silêncio até o reinado dos imperadores flavianos por sua ligação com Sêneca e pela ligação deste com a Conjuração de Pisão.

4 Quintiliano (35-95) nasceu em Calagurria, na atual Espanha, recebeu boa parte da sua educação em Roma, sendo o primeiro a ensinar retórica em Roma e receber um salário para isso. Quintiliano também advogou nos tribunais. Domiciano fê-lo cônsul e depois preceptor de seus sobrinhos-netos. Após vinte anos de ensino, ele se aposentou e dedicou a última fase de sua vida à composição da *Institutio Oratoria*, instado por seus admiradores (HARVEY, 1998, p. 426).

relações sociais são seu palco. O epigramista de Bilbilis irá expor os comportamentos elevados, os vícios e a corrupções dos romanos e das romanas de sua época com tom satírico.

Marcial atacou de forma ampla homens com comportamentos que eram considerados femininos, dentro do que era feminino no contexto. E, embora falasse de pessoas conhecidas, ele conseguia criar disfarces para que as mesmas fossem identificadas, mas sem explicitá-las. Além disso, como mostra Amy Richlin (1992, p. 128), o poeta conseguia fazer parecer que o atacante (ele mesmo) aprovava as ações da vítima (como no *Epigrama VI*, 37). Mas, conforme Richlin (1992, p. 128), no geral, o epigramista ataca as práticas consideradas erradas pelo autor ou pelo grupo aristocrático para o qual escreve. A audiência formada por grupos de amigos, transeuntes, literatos ou frequentadores de teatros, tem tais poemas como fonte de deleite. Nessa grande revista de fofocas da antiguidade, o prazer é, então, encontrado em ouvir e ler as invectivas, tanto pelo conteúdo como pela forma.

Entrando em nosso objeto de pesquisa propriamente, o homoerotismo masculino na visão de Marcial, cumpre destacar primeiramente, que estamos utilizando este termo e não homossexual ou homossexualidade, uma vez que concordamos com Jurandir Freire Costa (1992, p.11) para quem: “É preferível a ‘homossexualidade’ ou ‘heterossexualidade’ porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à ideia do ‘homossexual’”.

Na análise do homoerotismo masculino nos poemas de Marcial, percebemos que ele não ataca a prática em si, ele ataca quando o *uir* romano (o cidadão) deixa de cumprir o papel dele esperado perante à *urbs* e à sua *domus*. Qual era esse papel? Mais do que apenas ser ativo sexualmente, ter cuidado com seu corpo e estar em posição de garantir o legado da família (reprodução), o mesmo deveria estar apto para a guerra, demonstrar virtude, coragem, respeito aos deuses e aos rituais, ter cuidado com sua reputação, ter uma postura dita masculina perante o controle de sua casa e de seu corpo, assim como na participação no convívio social, desde os exercícios físicos, presença nos banhos públicos, debates nos campos de Marte, etc.

No campo da prática sexual, Marcial ataca o do homem romano aristocrata que realiza uma relação na posição de passivo/receptor. No Epigrama 23 do Livro I, Marcial nos conta que os locais de banho em Roma eram pontos de encontro de homens que realizavam práticas homoeróticas:

Só convidas alguém, Cota, com quem te lavas,
só nos banhos arrumas teus convivas.
Admirava-me, Cota, jamais me chamares:

Agora eu sei que nu não te agradei
(MARCIAL, *Epigramas*, I, 23, Tradução de Fábio Cairolli)

Já no poema 41 do Livro V, Marcial apresenta um legítimo homem considerado efeminado:

Embora mais capado que o eunuco trouxa
Que o concubino de Celenas⁵ [Celaenaeco] mais mole [mollior],
Por quem, seguindo a Mãe Enteia, o galo uiva,
De teatros, plateias e éditos falas,
De trabeas, de idos, fíbulas e do censo,
E os pobres mostra a mão lixada com pomes.
Se, Dídimo, no assento equestre sentar
Podes, verei: não podes com os maridos
(MARCIAL, *Epigramas*, V, 41; Tradução de Fábio Cairolli).

Pela análise de José María Blázquez (2006), Dídimo é um grego já inserido nas ordens de status social romano, ocupando a posição de equestre. Podemos perceber que Dídimo não é viril, ou melhor, não mostra o que se é esperado de um *uir*. É mais branco que o deus Átis, a divindade castrada, companheiro da deusa frígia Cibele, remetendo que o mesmo possui características de comportamentos de homens efeminados que irão aparecer em outros poemas: a cor da pele branca contra o modelo de corpo viril esperado (atletico e bronzeado); a fala de assuntos ditos femininos: o teatro e roupas; o gosto pelas cores e pedras preciosas, assim como o luxo. Dídimo fala de teatro, das suas filas e assentos, das leis e de togas coloridas e cheias de pedras. Marcial ainda mostra que o sujeito que ele se refere tinha direito de se sentar nos bancos destinados aos equestres no teatro e termina seu poema condenando essa condição, visto que, mesmo sendo um equestre, ainda continuava com suas práticas orientais e efeminadas, não sendo merecedor de se sentar com os cavaleiros.

Devemos ressaltar que tais poemas eram escritos para fazer rir. Podemos perceber algo de jocoso misturado à malícia em seus escritos. Assim, conforme indica Amy Richlin (1992, p. 57), os poemas trarão humor ao tratar da liberação de sentimentos hostis ou agressivos para com algumas partes do corpo, atos sexuais e menção a pessoas envolvidas em tais atos, consideradas sujas, baixas e nojentas. A sátira podem ser vistas como uma técnica de escrita pensada pelo autor para se manter próximo da realidade das ruas e das relações sociais cotidianas de Roma.

Sublinhamos que nos tempos que Marcial escreveu, o governo de

5 Celenas, cidade da Frígia, terra de Átis, o amado da deusa Cibele segundo o mito.

Domiciano (81-96), outros autores que lhe foram contemporâneos foram perseguidos, como Tácito e Juvenal, por exemplo. Nosso poeta irá escutar com atenção os manuais de oratória de Cícero em *De oratore* e Quintiliano em *Instituição oratória*, e irá usar-se de elementos que o ajudem a escrever sobre assuntos polêmicos sem ser perseguido. Domiciano, por exemplo, é apenas citado na dedicatória do Livro 8 e quando Marcial fala de suas hipocrisias e usa elementos que disfarçam que o mesmo está falando de tão ilustre pessoa, como no exemplo da relação do imperador com seu *puer* Earino. Essa relação é mostrada no poema do Livro 9, Livro XI. Marcial aqui expõe o imperador que ordenou o fim das castrações e o aumento do preço dos eunucos no mercado, assim como também promulgou inúmeras reformas morais no império, tendo relações homoeróticas e não aceitáveis para a figura que ele representava.

Para concluir, portanto, Marcial usou do riso como um instrumento a serviço da moral, utilizando seus epigramas para transmitir uma lição. Assim, um tipo de humor romano, como argumenta Minois (2003), esteve a serviço da aristocracia como forma de reforçar o regime do Principado, buscando eliminar sentimentos hostis da plebe, por exemplo, que achava estar rindo dos poderosos. Mas, como defendemos, Marcial estava mesmo visando uma ordem política aristocrática.

REFERÊNCIAS

Referências documentais

MARCIAL. *Epigrafias* (Livros 1, 2, 3 e 4). Tradução, introdução e notas de José Guillén. 2003. Disponível em: <<http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/23/14/ebook2388.pdf>>. Acesso em: 26/01/2016.

MARCIAL. *Epigramas*. Vol. I. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARCIAL. *Epigramas*. Vol. II. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARCIAL. *Epigramas*. Vol. III. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARCIAL. *Epigramas*. Vol. IV. Lisboa: Edições 70, 2004.

Referências bibliográfica

ALFÖLDY, G. A organização social do Alto Império. In: _____. *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 110 – 169.

AGNOLON, A. Qual é o Império Romano de Marcial? In: JOLY, F. D.; FAVERSANI, F. (Orgs.). *As formas do Império Romano*. Mariana (MG): UFOP, 2014, p. 29 – 45.

BLÁZQUEZ, J. M. Conductas sexuales y grupos sociales marginados em la poesia de Marcial y Juvenal. In: BRAVO, G; GONZÁLES, G. (Orgs.). *Minorias y sectas em el mundo romano*. Actas de III Coloquio de la Asociación Interdisciplinar de Estudios romanos. Madrid: Signifer, 2006, p. 59-72.

CAIROLI, F. P. *Marcial brasileiro*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHARTIER, R. *A História Cultural*. Lisboa: Difel, 1988.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Vol 3. O cuidado de Si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnario*. Tradução de Maria Elena Ortiz Assunção. São Paulo: UNESP, 2003, p. 77-111.

RIBEIRO JR., B. I. *Para além da heteronormatividade: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d.C.)*. Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Estadual Paulista/Assis, 2016.

RICHILIN, A. *The Gardem of Priapus*. Sexuality and aggression in Roman Humor. New York: Oxford University Press, 1993.

THUILLIER, J-P. *Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus*. In: CORBIN, A. (et al.). História da virilidade. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 74-124.

VENTURINI, R. L. *Amizade na Roma Antiga: patronos e poetas*, Acta Scientiarum, 2001.

WILLIAMS, C.A. *Roman Homosexuality*. Nova Iorque: OUP, 2010.